



nova série

ÍNDIOS

Crepúsculo de uma raça

OS DONOS DO POTURU

Reportagem de Deborah Berman • Fotos de Carlos Humberto TDC

— Quem são vocês?

— Nós somos os *donos do poturu* — eles respondem em tupi arcaico.

A mais recente tribo de índios contatada no Brasil — 270km ao norte de Santarém, próximo à fronteira do Suriname — vive um romance com a natureza. Subsistindo exclusivamente do fogo e da água, da caça e da pesca, os 120 *donos do poturu* são um remanescente da idade neolítica: um exemplo de como a harmonia completa com a natureza pode gerar comportamentos de ternura e alegria. Eles se ajudam em tudo, nunca discutem ou brigam entre si e praticam rituais de canto e dança, reunindo-se à noite em volta do caldeirão para cozinhar a caça (geralmente macaco) que será distribuída por todos. Entre rios e cachoeiras onde se banham nus, a tribo mais primitiva da floresta amazônica nos conduz a uma viagem no tempo.

SEGUE

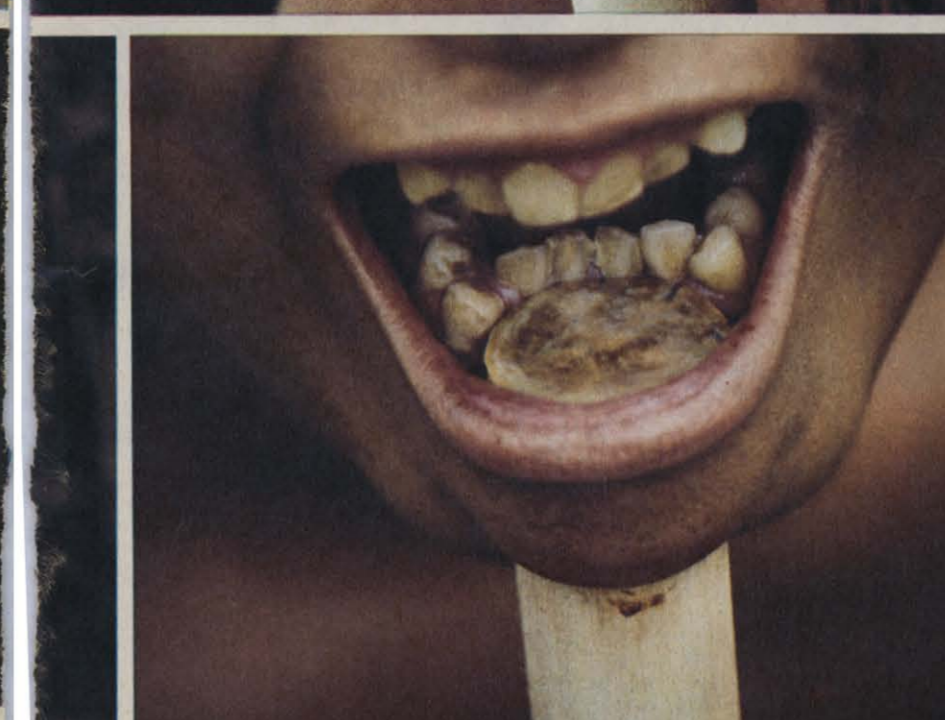


As meninas Tacytedecaderrá (com o cocar) e Tucusurerrá brincam na cachoeira, enquanto a jovem não resiste: quer saber se o corpo da mulher branca é igual ao seu. O *rirú* serve para transportar a água para a aldeia.

DISTANTES DA CIVILIZAÇÃO, ELES SE FUNDEM COM A NATUREZA E SENTEM PELOS BRANCOS UMA CURIOSIDADE INFANTIL

Quando o sol esquenta, o banho se transforma em alegria. Nas águas geladas do *irru* (água grande), os índios aproveitam para lavar seus *poturus* depois de raspá-los com uma faca. Para enfrentar a força da correnteza, as crianças do rio Cuminapanema mantêm seus corpos bem juntos.

08.07.89



A anciã da aldeia tem uma ará (arara) de estimação e passa o dia deitada em sua rede. O índio da foto usa um machado de pedra para as atividades de subsistência da tribo. Sua aparência abatida é devido à gripe contraída do homem branco. Para tomar o leite da castanha com farinha, os índios usam uma cabaça e uma colher de crânio de macaco.

OS USOS E COSTUMES NEOLÍTICO. UMA TRA

INVOCAM O PERÍODO DIÇÃO AMEAÇADA

Diante do espelho a índia vaidosa com seus cocares descobre a própria imagem e pensa... Nos dias de festa, as mulheres se enfeitam com pulseiras de madeiras e de osso. O poturu colocado entre os sete e oito anos de idade deforma a arcada dentária. Os homens cobrem parcialmente o órgão genital com a entrecasca do inajá para esconder a glândula. É a sua vestimenta.



AINDA SEM ROUPA ELES ENSAIAM A DECOLAGEM

O homem branco traz um mundo novo a ser descoberto e explorado. O jovem índio entra no helicóptero, aperta os cintos, veste o capacete e está pronto para voar. O rádio do indigenista vira atração.



Os índios pescam com arco e flecha, enquanto o macaco é cozido para o jantar.

A NATUREZA PROVÊ O ALIMENTO NA TERRA, NA ÁGUA E NOS ARES

O helicóptero, cedido pela Petrobrás, desce próximo ao roçado de mandioca. Estamos na terceira aldeia — a mais numerosa dos *donos do poturu* — e somos recebidos por cerca de 80 homens, mulheres e crianças que, excitados com a chegada do *totorerru* (gafanhoto grande), nos cercam para, apalpando, investigar o que há por debaixo de nossas roupas. Os mais jovens não resistem. Nus, entram no helicóptero, apertam os cintos, colocam os fones. Estão prontos para voar. A maioria deles está gripada — saldo da recente visita de brancos — e parece esperar que sejamos capazes de curar seus males físicos. Sidney Possuelo, chefe da Coordenadoria de Índios Isolados da FUNAI e Marcos Antônio Guimarães, que coordena o setor de saúde, funcionam como intérpretes. Quando a palavra não basta, já que falam em tupi arcaico, gestos e expressões são eficientes na transmissão do pensamento. Os índios querem saber tudo: quem somos, de onde viemos, quantos filhos temos...

As mulheres pintam o corpo de vermelho, com "urucu" e se enfeitam com uma espécie de

coçar feito de penas brancas de urubu-rei, coladas por uma resina junto à raiz dos cabelos, que ou são bem curtos ou ficam presos num rabo-de-cavalo. Usam também uma coroa de palha, bolsas de fibra de algodão (tipói), que servem para carregar os filhos ou como simples adorno e pulseiras nos tornozelos e joelhos. Nenhum homem anda sem o estojo peniano, feito da entrecasca do inajá e amarrado com um laço sobre o prepúcio escondendo a glande. Entre os sete e os oito anos, aparentemente cumprindo um ritual de passagem, todos furam o lábio inferior para colocar o poturu. Primeiro, utilizam um fino osso de macaco e, mais tarde, o rebempó de madeira.

Durante os três dias que passamos entre os índios não vimos nenhum tipo de disputa. As mães não brigam com os filhos, os homens não brigam com as mulheres e fica a impressão de que problemas afetivos, de relacionamento ou de comunicação são *privilégios* exclusivos do mundo civilizado. Com uma divisão de tempo e espaço diferente da dos brancos, parece certo desconhecermos as palavras pressa e ansiedade. Também não se percebe, entre eles, nenhum tipo de liderança. Cada um faz o que quer e todos cumprem suas tarefas. As mulheres cuidam do fogo (tatá), da água (ih) e do preparo dos alimentos. Todos trabalham no roçado. A mandioca é o alimento básico. Ela é ralada numa grande pedra, onde fica para fermentar. Depois, vai para o *tapiti* — espécie de cilindro



trançado de palha — onde escorre até secar e virar a farinha, que serve para fazer o *beiju* ou ser misturada ao leite de castanha. Macaco, paca, tatu e porco-do-mato são muito apreciados, assim como o tempero com pimenta. Nada de sal ou açúcar.

Os *tapiris* (malocas) são cobertos de palha, sem paredes, e abrigam várias famílias. Cada uma tem seu fogo, que é alimentado várias vezes para não apagar. As crianças menores passam uma parte do dia amarradas pelos tornozelos às redes feitas de fibra de árvore de suas mães, junto com alguns pássaros e micos de estimação. Mas, o que para nós pode parecer um verdadeiro ritual de tortura não incomoda os *curumirins* do rio Cuminapanema.



O fogo (tatá) permanece aceso durante os dias e as noites. As mulheres o alimentam com perfeição. É o escudo das crianças contra o frio.



Aproximadamente aos cinco anos, eles já são capazes de administrar as próprias vidas. Com total independência, cuidam da sua alimentação e colaboram nas tarefas de pegar água, acender o fogo, caçar e pescar. O que mais surpreende, entretanto, é a generosidade. Dividem entre si o *beiju*, o peixe, uma fatia de macaco assado. Qualquer brincadeira feita com algum deles deve ser repetida com os demais. A própria criança se encarrega de chamar os companheiros.

Os adultos também se divertem. Na verdade, a grande diferença que têm em relação aos pequenos parece ser apenas no tamanho. Durante as relações sexuais, a mulher (cunhã) arranha o homem (cubié) na altura das costelas. O suficiente para deixar sua marca sem causar dor. Os *donos do poturu* parecem não ter cacique ou pajé. Mas, a estrutura social garante uma rotina organizada, onde tudo o

que precisam é providenciado na medida certa. Não há escassez nem desperdício. Sem que se conheça o seu universo mítico, parece certo o fogo estar ligado a algum ritual mágico. Sempre que um de nós, brancos, acendia um cigarro, vários índios pediam para que soprássemos fumaça sobre a garganta, o peito, a barriga, ou onde quer que estivessem sentindo dor. Em caso de doença, também costumam esfregar os braços com osso de macaco, até sangrar, para "tirar o sangue ruim".

Várias vezes por dia as mulheres vão ao igarapé com seus rirus (espécie de cabaças) trazer água para a aldeia. Usam cuias para tomar caldo de carne e leite de castanha e, a título de talheres, fabricam uma colher de crânio de macaco com cabo de madeira e faca a partir de um pequeno osso, preso por barbante a uma pedra, que serve para amolar.

A caça é distribuída, depois de assada, pelo chefe da família: à noite, em volta da grande fogueira, lembrando um ritual de magia, com chamas altas projetando imagens fantásticas nos rostos dos índios. Nos dias de festa, as bordunas marcam o ritmo monótono de suas canções. Todos dançam e os homens tomam uma bebida feita à base de cajá-manga, até de madrugada. Depois fazem um vomitório e aquele que consegue botar tudo para fora sem auxílio é digno de admiração. Quando o Sol esquenta, a farra vai para as águas do *irru* (cachoeira).

A índia rala a mandioca numa pedra para fazer a farinha do *beiju* (o pão da tribo). O menino caçou os passarinhos e vai assá-los.

NA MIRA DOS MISSIONÁRIOS, OS ÍNDIOS FICAM ENTRE A CRUZ E A GRIPE

Foram três dias encantados. Como se tivéssemos entrado no túnel do tempo e retrocedido alguns milênios para encontrar uma gente capaz de confirmar o pensamento de Rousseau a respeito da natureza humana. Pena é pensar que, feito o contato com a chamada "civilização", os *donos do poturu* se vejam agora diante de um caminho sem volta. Uma experiência que, fatalmente, os obrigará a perder sua identidade sem, como demonstram outras tribos aculturadas, conseguirem integrar-se completamente à dos brancos.

Para quê? É uma pergunta à qual os missionários da entidade religiosa Novas Tribos do Brasil, ligada à *New Tribes*, dos Estados Unidos, não sabem responder. Instalados irregularmente, desde 1982, próximos às aldeias do Cuminapanema, eles garantem estar incumbidos de "levar a Palavra de Deus" aos índios, como afirma Paul Nagell que, em 1977 abandonou a vida de drogas em Maryland para dedicar-se à pregação. A dúvida é sobre as vantagens que isto pode trazer para um povo que sempre viveu tranquilamente naquela terra, mantendo seus costumes e tradições.

A FUNAI sabia da existência destes índios desde 1976, quando a Perimetral Norte ameaçava cortar suas terras. Sendo o único fator de perturbação, com a interrupção da estrada antes mesmo de entrar no Estado do Pará, a aproximação foi descartada. Até que, em 1982, a Fundação Nacional do Índio recebeu uma carta da Missão Novas Tribos do Brasil, dizendo que haviam feito contato e estavam estabelecidos numa base próxima às aldeias dos índios do poturu. Sidney Possuelo, 49 anos, 22 dedicados à questão indígena e chefe da Coordenadoria de Índios Isolados daquela autarquia, conta: "A permanência dos missionários na região é ilegal, já que para isso eles precisam de autorização da FUNAI, mediante um convênio que nunca foi feito." No começo deste ano, os recursos permitiram que fosse feita a primeira viagem à terra dos poturus. "Fomos tomar pé da situação e ficamos assustados com o que encontramos", diz Marcos Antônio Guimarães, chefe do setor de saúde, que acrescenta: "É fundamental, feito o contato, a ministração imediata das vacinas de sarampo, Sabin, tríplice e tétano, o que não foi feito pelo pessoal da missão." No começo de maio, com o apoio da Petrobrás, que cedeu um helicóptero, foi realizada a primeira operação emergencial de saúde, que deverá ser repetida agora em julho.

"O contato com esses índios isolados era totalmente dispensável", afirma Possuelo. Ele espera agora a retirada do pessoal da Novas Tribos do Brasil daquelas terras, "já que isto representa uma agressão à cultura, ao universo mítico e religioso daquela gente".

Além disso, o indigenista acredita que a tribo já foi bem mais numerosa, e os missionários confirmam que cerca de 20 deles morreram de 1987 até hoje. Há que notar também que nas três aldeias não vive ninguém com menos de dois anos ou com mais de 70. Isso indica que, ou eles sofreram um surto de doença que matou os mais velhos e os mais novos, ou estão exercendo algum tipo de controle da natali-

dade — o que fazem mediante a ingestão de determinado tipo de raiz — para poder mudar de lugar por se sentirem ameaçados.

Na base da missão, com sua pequena pista de pouso, que recebe a visita mensal de um avião, em casas de madeira três casais (um americano e dois brasileiros), com seus filhos, vivem como os transmissores da salvação de Jesus. Condenando os hábitos dos índios como o de *andar nu* ou ter mais de uma mulher, eles estudam o idioma tupi e pretendem não sair mais daquele território. Para isso, vêm reiterando junto à FUNAI os pedidos para o estabelecimento de um convênio, o que, se depender de Possuelo, não se realizará nunca.

O índio Toinpé, que deve ter uns 40 anos de idade, foi mordido por uma cobra surucucu. Sem poder caminhar, foi deixado pelo pessoal da FUNAI com os missionários, que se comprometeram a tratá-lo. Seus parentes não se sentem tranquilos. Querem trazê-lo de volta para a tribo. Diante da impossibilidade, resolvem ir visitá-lo. Fabricam novas flechas para garantir a caça, preparam alguns *beijus* para levar ao doente e partem, de helicóptero, para fazer-lhe companhia. Sentem-se mais sossegados ficando por perto.

Assim como os tupi-guarani que habitam as margens do rio Cuminapanema, o Brasil tem, hoje, aproximadamente 45 grupos indígenas isolados, não só geográfica como culturalmente, que se mantiveram afastados do homem branco desde a época do descobrimento. Sabe-se que, nos tempos dos bandeirantes, Borba Gato e Fernando Paes Leme utilizaram o conhecimento desses povos a respeito da sobrevivência na selva para alargarem as fronteiras do país. Mas, em relação aos índios, foram verdadeiros flagelos, tendo iniciado a escravização. Entre 1900 e 1957, cerca de 87 tribos foram extintas, atacadas pela voracidade dos seringueiros, madeireiros e garimpeiros, que, juntamente com as hidrelétricas e as estradas vêm-se constituindo em seus piores inimigos, obrigando-os muitas vezes à emigração, absorção e até desaparecimento.

"Com isso, várias etnias sumiram. Acabamos perdendo milhares de vidas, de idiomas e de culturas, algumas que não foram sequer registradas. Não importa se são agrupamentos de cem ou duzentas pessoas. Eles constituem os donos exclusivos de uma cultura sem similar no mundo inteiro e sua perda empobrece a face humana e cultural de nossa nação", afirma Possuelo.

Sabe-se também que, a partir de 1910, a expansão das linhas telegráficas cortaram muitas terras indígenas. Sob a orientação do Marechal Rondon, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) realizou um grande trabalho de contato com novas tribos. Aquelas que não eram atingidas diretamente pelos fios do telégrafo foram simplesmente esquecidas, abandonadas ao sabor de interesses nacionais e regionais. Anos mais tarde, muitas já não existiam. Suas terras haviam sido transformadas em fazendas, barragens ou estradas.

Com a criação, em 1987, da Coordenadoria de Índios Isolados, entregue aos cuidados de Sidney Possuelo, a FUNAI começou um trabalho de investigação e normatização de uma política competente na proteção aos povos indígenas ainda não aculturados. Através de informações levantadas junto a sertanistas, antropólogos, técnicos indigenistas, outros índios e regionais, foi possível mapear estas tribos, algumas delas recém-alcançadas pelas frentes de expansão da sociedade e ameaçadas em sua integridade física e cultural — forçadas, muitas



A aldeia dos *donos do poturu* encravada na floresta



amazônica. Para não sofrer nenhum acidente, os indiozinhos ficam amarrados à rede pelo pé. Tranquila, a jovem passeia com seu mico.



vezes, a um intenso e suicida nomadismo na luta pela sua sobrevivência. Possuelo afirma que uma coisa é certa: "Quase todas as tribos indígenas brasileiras sabem da existência do homem branco. Muitas delas, em algum momento de sua história, chocaram-se com as frentes pioneiras, que as obrigaram sempre a recuar. A maioria, apesar da ausência de uma presença ostensiva, sente a presença invisível do homem civilizado, que invade seus territórios, fazendo-os perder seus campos de caça e de perambulação, suas áreas de cultivo: contaminando com mercúrio os rios que lhes dão o peixe, devastando suas matas, abaixando sua qualidade de vida. Assim, o índio isolado, que, teoricamente, tem um padrão melhor e mais saudável que o contatado, na prática encontra-se hoje em condições terríveis de sobrevivência."

A Amazônia Legal, último reduto de um povo que, ao longo de todos esses anos conseguiu manter as características básicas de sua cultura, é também, atualmente, uma região onde a ocupação cresce com uma rapidez e desordem assustadoras. As consequências desta ocupação, de imediato, são a redução do espaço físico de seus habitantes originais — normalmente amplo o bastante para poder conter as atividades básicas de sua economia primária e, a curto prazo, sua extinção. Somentes a isto a devastação do meio ambiente, que interfere e, até mesmo, destrói hábitos e técnicas desenvolvidos pela experiência milenar de suas culturas.

"É por isso que, em algumas circunstâncias, o contato é a única opção capaz de protegê-los", afirma o indigenista. Este é o caso dos índios guajá, do Maranhão; dos ianomami, próximos da Venezuela; ou mesmo de alguns grupos de Rondônia, que vêm sendo submetidos à perseguição e perda sistemática de seu território.

Possuelo acrescenta que, se no momento busca-se justificar o contato como uma intervenção muitas vezes necessária, para o futuro, ultrapassada a fase do pioneirismo, ele so-

mente se justificaria à medida que fosse estabelecida uma política assistencial atuante na defesa da saúde e da terra, da reorganização econômica e da proteção ao processo de aculturação dos índios.

Mesmo sabendo que o preço do contato tem

sido muito alto para estes povos, despovoando-os drasticamente pela incidência de moléstias contagiosas e pelo rompimento de seu universo místico — que é o mantenedor de sua força e da coesão de seu corpo social —, por enquanto esta é a única alternativa.

Dos três a seis milhões de índios que habitavam o Brasil à época de Cabral, hoje eles cabem todos no estádio do Maracanã. Restaram aproximadamente 210 mil. E, se nada for feito, em pouco tempo estes, fatalmente, também desaparecerão.

A SEGUIR: O cerco aos ianomami

Paul Nagell, a mulher Joanne e dois brasileiros da Missão Novas Tribos fizeram o primeiro contato com os índios e tentam introduzir a palavra de Deus.

